



## RESENHA DE LIVRO: CORONAVÍRUS E A LUTA DE CLASSE

SANTOS, Felipe Alan Souza<sup>1</sup>; RODRIGUES, Jovenildo Cardoso<sup>2</sup>

DAVIS, Mike, *et al.* **Coronavírus e a luta de classe**. Terra Sem Amos: Brasil, 2020.

Quarentena, prevenção, cuidados, infecção, mortes e recuperação são palavras disseminadas cotidianamente pela mídia televisiva, à medida que ocorre a expansão da COVID-19 nos diversos territórios. De fato, a pandemia com proporções internacionais modificou o modo de se ver no mundo, pois tornou o que já era desigual muito mais segregado. A obra traz a discussão de valiosos pesquisadores, com reconhecimento internacional. Fazem parte da equipe os pesquisadores: Mike Davis, David Harvey, Alain Bihr, Raúl Zibechi, Alain Badiou e Slavoj Žižek, que discutem, entre temas e tramas, a crise do coronavírus e as questões de classes impostas pelo modelo neoliberal, que tornam os sistemas de saúde perversos, uma vez que os mesmos objetivam apenas a rentabilidade financeira em meio ao caos pandêmico. A seguir, conheceremos melhor a obra.

A presente obra é uma coletânea que reúne valorosos pensamentos científico. Traz a luz de compreensão dos meandros do sistema capitalistas e sua enérgica estratégica de reprodução do capital, frente ao dilema social, fomentado pela desigualdade e segregação. A obra está dividida em 06 artigos, e os autores conversam entre eles, para aprimorar o sentido dos leitores sobre capitalismo e a crise pandêmica. O livro, está assim escrito: primeiro capítulo, “A crise do coronavírus é um monstro alimentado pelo capitalismo”, escrito por Mike Davis. O segundo capítulo escrito por David Harvey é intitulado, “Política anticapitalista em tempos de COVID-19”. O terceiro capítulo “França: pela socialização do

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO/UFPA), participante do Laboratório de Estudo e Pesquisa sobre Habitação e Moradia (LAHAM). Professor de Educação Básica SEED/SE. E-mail: [felipesantosprof@hotmail.com](mailto:felipesantosprof@hotmail.com). ORCID: <http://orcid.org/0000-00024931-2481>.

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO/UFPA), líder do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Habitação e Moradia (LAHAM). E-mail: [jovengeo@yahoo.com.br](mailto:jovengeo@yahoo.com.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5650-1168>.

aparato de saúde”, foi escrito por Alain Bihir. O quarto capítulo, o autor Raúl Zibechi, intitula de “Coronavírus: a militarização das crises”. O penúltimo capítulo de autoria de Alain Badiou denomina-se “Sobre a situação epidêmica” e a obra finaliza-se com o texto de Slavoj Žižek, intitulado de “Um Golpe como “Kill Bill” no capitalismo”.

O capítulo escrito pelo professor Mike Davis, com o título “A crise do coronavírus é um monstro alimentado pelo capital”, traz relevante diálogo, expondo que, indícios acerca da disseminação de uma pandemia em escala Global já se faziam presentes nos últimos anos. O professor começa sua discussão, retornando a um conhecimento filosófico, que, por muito tempo, pairou sobre a mente de quem pensa sobre o bem e o mau: a conhecida caixinha de pandora. Esse mito, assim como quaisquer outros, apresenta um caráter social. Isso significa que seu principal objetivo é criar regras comuns para que a sociedade interaja segundo alguns padrões sociais normativos, reguladores, aceitáveis.

Nos últimos anos, também cresceu a quantidade de filmes de Hollywood com essa temática, principalmente porque, nas últimas décadas, se tornou comum os telejornais e documentários abordarem sobre novas doenças em esferas locais, regionais e globais. O leitor já deve ter ouvido falar sobre o poder de genocídio que a gripe espanhola casou em 1918, ou sobre a mutação e proliferação do H1N1 na Ásia, do Ebola no continente africano e, hoje, o percentual de crescimento da COVID-19, que engloba a maioria dos países do planeta.

Para Davis, o Covid-19 apresenta características globais. Em um cenário no qual os movimentos de produtos, serviços e pessoas são cada vez mais rápidos, também há a proliferação de doenças e, assim, chegamos à estatística de que quase todos os países do mundo, em março de 2020, possuíam casos de pessoas infectadas com o coronavírus.

Como as informações se espalham rapidamente, necessita-se de um diálogo mais profícuo sobre a pandemia. Além de tecer caminhos para o entendimento da crise sanitária, o referido autor ainda corrobora para entendermos a visível crise estadunidense frente a essa guerra invisível, refletindo sobre a política de austeridade e a incipiente produção de medicamentos a fim de mitigar as infecções hospitalares. Pode-se, ainda, construir uma análise sobre as dificuldades dos países subdesenvolvidos e emergentes no enfrentamento dessa crise, em que prezar pela vida sempre será a melhor escolha política.

O segundo capítulo foi escrito pelo professor David Harvey, com o título “Política anticapitalista em tempos de COVID-19”. A essência desse artigo é possibilitar um canal de denúncia das políticas de austeridades, que veem, com o tempo, realizando cortes em áreas sociais, como na esfera da saúde, educação e pesquisa. Esse perfil de austeridade obedece à

lógica capitalista, que vislumbra, no acúmulo do capital, sua essência em detrimento de políticas mais assertivas para conter o avanço catastrófico da pandemia da COVID-19.

O autor expõe as contradições existentes, por exemplo, na saúde estadunidense, que representa uma lucrativa indústria de saúde e assevera que os mais vulneráveis sofrem as consequências da escassez de atendimento e da burocracia do tratamento de saúde.

A classe trabalhadora contemporânea nos Estados Unidos (composta predominantemente por afro-americanos, latinos e mulheres assalariadas) enfrenta a desagradável escolha da contaminação em nome do cuidado e da manutenção de elementos-chave de provisão (como supermercados) abertos ou do desemprego sem benefícios (como cuidados de saúde adequados. (HARVEY, 2020, p. 22).

Harvey constrói uma profícua crítica à indústria farmacêutica, expondo sua real essência, que é acumular capital com a proliferação das doenças, e não com a prevenção das mesmas, e afirma: “A prevenção não contribui para uma valorização dos acionistas.” (HARVEY, 2020, p. 18). Ele aproxima dessa crítica a face da política instituída pelo presidente estadunidense, para efetivar o papel do neoliberalismo e da austeridade, que dissolvem os orçamentos nas áreas de pesquisas de controle de doenças e de mudanças climáticas e explicita:

Se eu quisesse ser antropomórfico e metafórico sobre isso, concluiria que a COVID-19 é a vingança da natureza por mais de quarenta anos de maus-tratos grosseiros e abusivos da natureza sob a tutela de um extrativismo neoliberal violento e desregulado. (HARVEY, 2020, p. 18).

O autor aponta que, assim como outrora, o sistema capitalista deverá investir e incentivar o consumismo em massa, que hoje não contará com o apogeu Chinês, como ocorreu nos anos de 2007 e 2008, e que, por concentrarem uma geopolítica mundial, os Estados Unidos da América deverão reger com o que se chama de “economia ‘Netflix’, que de qualquer forma se destina aos espectadores compulsivos” (2020, p. 23), para um aumento potencial do consumo já tão praticado pela nação, berço da política neoliberal.

O terceiro artigo foi escrito pelo professor Alain Birh, intitulado “França: pela socialização do aparato de saúde”. O autor inicia sua abordagem refutando a tese de abertura do sistema de saúde, defendida pelos neocapitalistas, expondo a fragilidade da premissa que “todos têm um ‘Capital de saúde’ do qual são o principal, senão único, responsável (BIHR, 2020, p. 25). O que falar das áreas e das pessoas que não possuem o mínimo de recursos para realizarem a profilaxia e necessitam se deslocar, em pleno pico pandêmico, pelos espaços urbanos, repletos de insalubridade e precariedade? Birh pondera, portanto, sobre a ideia de

que a saúde é, antes de mais nada, um bem público. Logo, devem ficar a encargo do poder público sua administração, oferta, fiscalização e execução.

O estado saudável ou mórbido do corpo de cada pessoa depende em primeiro lugar do estado saudável ou mórbido do corpo social, do qual o primeiro é dependente ou um simples apêndice, e da capacidade ou não do referido corpo social se defender, por si ou através das suas instituições políticas, contra fatores patogênicos, em particular desenvolvendo um sistema de assistência social eficiente e uma política de saúde pública que proporcione ao segundo os meios necessários e suficientes (humanos, materiais, financeiros). (BIHR, 2020, p. 25).

O artigo em questão aponta ainda o processo de desestruturação dos hospitais públicos na França, que não condiz com o imposto pago, anualmente, pela classe trabalhadora, e sua incipiente prestação de serviço de qualidade para a mesma. O caráter neoliberal vem estrangulando, financeiramente, a saúde pública e os hospitais franceses, repercutindo em uma má assistência aos pacientes. A pandemia revelou as facetas de contradições entre rede pública e privada, que, inclusive, não conseguiram formular uma preparação técnica e cautelosa para a inserção de alas, de hospitais de campanha e de profissionais de linha de frente. É exatamente devido a esse volume exacerbante de infectados e de uma incipiente rede de cuidado aos infectados que cresce a defesa de que cabe a cada um cuidar do seu “capital de saúde”, pois, desse modo, exclui o dever do Estado e não expõe a culpa do neoliberalismo, que força, cada vez mais, que os indivíduos adquiram um contrato de seguro de saúde.

O quarto capítulo, com o título “Coronavírus: a militarização das crises”, foi escrito pelo pesquisador Raúl Zibechi. O autor inicia sua abordagem falando sobre a ótica do controle populacional, que ocorreu na China, devido à pandemia da COVID-19. Revela que as políticas instituídas, por exemplo, em Wuhan e na província de Hubei, onde vivem cerca de 60 milhões, foi bastante atuante, com forte presença de fiscalização, uso de equipamentos de prevenção e controle de saída de casa, mesmo para comprar alimentos. Tinha “a impressão de um enorme campo de concentração a céu aberto pela imposição de quarentena a todos os seus habitantes” (ZIBECHI, 2020, p. 31).

“Sobre a situação epidêmica”, penúltimo artigo, escrito por Alain Badiou, que constrói sua crítica norteando o estado de repouso dos países em buscarem financiar e descobrirem possíveis curas para as mutações virais. O autor deixa bem claro, em sua análise, que a COVID-19 é o novo, outra vez, pois, na última década, o mundo já vivenciou a “Síndrome Respiratória Aguda Grave 1” e, desde o final do ano de 2019, vem passando pela

SARS-2. Outro ponto trazido periodiza a escrita do artigo, revelando as incipientes ações de direção para o enfrentamento da COVID-19, por diferentes nações, e expõe que

[...] o desafio da epidemia está em toda parte dissipando a atividade intrínseca da Razão, obrigando os sujeitos a retornar àqueles efeitos lamentáveis – misticismo, fabulação, oração, profecia e maldição – que eram habituais na Idade Média quando a peste varreu a terra. (BADIOU, 2020, p. 37).

Porém, o ponto chave da análise do autor é discutir, categoricamente, a globalização, expondo a forte presença da economia chinesa no cenário comercial do mundo e como as redes de comunicação globais propiciam o alargamento do contágio da COVID-19. Ele expõe um retorno da necessidade de se pensar políticas de cunho nacionalista e assistencialista para suportar os graves dilemas sociais, econômicos e sanitários impostos pela pandemia, apoiando-se, fortemente, em um discurso de Macron ou do primeiro-ministro Edouard Philippe:

Segue-se que a metáfora de Macron, “estamos em guerra”, é correta: na guerra ou na epidemia, o Estado é obrigado, por vezes transgredindo a rotina normal de sua natureza de classe, a empreender práticas mais autoritárias e, ao mesmo tempo, mais genericamente dirigidas, a fim de evitar uma catástrofe estratégica. (BADIOU, 2020, p. 39).

No último artigo, com um instigante título: “Um golpe como o de ‘Kill Bill’ no capitalismo, Zizek constrói sua narrativa, relacionando a cena final do filme “Kill Bill”, de autoria de Quentin Tarantino, à discussão sobre qual sistema econômico apresentará forte falência: o Chinês ou os ocidentais. Zizek assim expressa, com prontidão e expertise:

A minha modesta opinião é muito mais radical. A epidemia do coronavírus é uma espécie de “técnica de cinco pontos para explorar um coração” destinada ao sistema capitalista global. É um sinal de que não podemos continuar no caminho em que temos estado até agora, de que é necessária uma mudança radical. (ZIZEK, 2020, p. 44).

Ele expõe, em sua discussão, a importância de Organizações Mundiais, como a de Saúde (OMS), para direcionarem ações mais eficientes para mitigarem os diferentes tipos de crise existentes no planeta. Defende que essa instituição “deveria ter mais poder executivo” (ZIZEK, 2020, p. 45). Ele aponta, inclusive, o papel da OMS na luta para o enfrentamento além da COVID-19, para expandir as buscas por soluções para diferentes mazelas vivenciadas no cenário mundial, como as questões de aquecimento global, fome, extrema pobreza, entre outras.

Zizek discute que, apesar desse período turbulento, promovido pela expressiva morte de pessoas e pela infecção de outras milhares, floresceu, no planeta, uma maior relação

solidária, fortemente marcada por uma aproximação mútua, e houve o nascimento de uma mudança radical, uma vez que, a catástrofe pandêmica fez emergir um repensar da sociedade, fortemente marcada pelo individualismo, e que agora necessita se ver como integrante da esfera global.

A coletânea de texto, permite um novo olhar sobre o processo de subordinação econômica fomentado pelo sistema capitalista em tempos de pandemia, seus autores congregam sabiamente uma crítica fortemente embasada nas relações avassaladoras que o modelo econômico vigente ocasiona na classe menos favorecidas. Efetivando-se deste modo, o entendimento dos meandros de subordinação socioeconômica e privações das necessidades básicas de sobrevivência da classe mais pobre, asseverada inclusive em tempos de pandemia.

Um sentido relevante da obra, é construir uma retórica crítica frente as demandas do sistema capitalista, é clarear ao nosso entendimento o aprofundamento da crise social, em que a desigualdade, segregação e exclusão, tornaram-se visivelmente mais nítida em tempos de pandemia, em que a massa trabalhadora, desprovida de condições básicas de renda, infraestrutura e oportunidade acabaram construindo as “pirâmides da burguesia contemporânea”. Essa classe desprovida de direito mínimo, diariamente lutam pela sobrevivência, porém ao mesmo tempo executa o desejo do capitalismo que é o fortalecimento da pungência econômica dos “seus faraós”.